

“FORRÓS” EM BARAÚNA – PB: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICANTES QUE SE CONFIGURAM EM “PATRIMÔNIO CULTURAL”?

Antonio Gutemberg da Silva¹

Elane Cristina do Amaral²

Janielly Souza dos Santos³

No momento em que analisar as significações culturais das experiências do vivido nos faz perceber como o nosso meio social é construído, com seus signos e suas singularidades, pensar as construções dos “forrós”, enquanto bailes, que se desenvolveram no município de Baraúna – PB nas décadas de 50 e 60 do século XX, mais especificamente no meio rural, é notar palcos produtores de experiências significantes.

As experiências históricas projetam o indivíduo frente a sua vivência cotidiana, fazendo com que ele seja capaz de traduzir estas experiências no governo de seu viver em sociedade, que se mostra pela complexidade de pensamentos e ações. No momento em que este indivíduo se torna capaz de compreender a sua vida como importante à construção de uma comunidade histórica e cultural, convém para ele saber cuidar de suas experiências. Infelizmente, não é o que geralmente ocorre.

Quando o indivíduo se vê como pessoa ‘comum’, mais uma pessoa no meio de uma multidão, e que por isso acredita não terem as suas experiências importância alguma, cessa para aquela pessoa a necessidade de preservar, e mostrar, para a sua sociedade algo que foi significativo em sua vida.

Neste sentido, os indivíduos guardam para si as experiências e se mantêm no anonimato. Para a sociedade como um todo, as vivências destes indivíduos podem ser pensadas, muitas vezes, como não existentes. Na maioria das vezes é isto o que ocorre com as experiências dos indivíduos considerados ‘comuns’ no seu agir cotidiano do viver em sociedade. Pouco importa a sociedade, e seus representantes, promover uma socialização destes conhecimentos que se elaboram em meio às singularidades construídas. Deste modo, estes conhecimentos passam a habitar somente as memórias dos indivíduos que os viveram.

Para além deste esquecimento promovido pela sociedade diante destas experiências, este trabalho se constituiu em um despertar da escuridão do esquecido. É o primeiro passo no

¹ Aluno do Curso de Especialização em História do Brasil/Paraíba pela Faculdade Integrada de Patos – FIP.

² Aluna do Curso de Especialização em História do Brasil/Paraíba pela Faculdade Integrada de Patos – FIP.

³ Aluna do Curso de Especialização em História do Brasil/Paraíba pela Faculdade Integrada de Patos – FIP.

caminhar para a construção de uma história, que se constitui como tal, por ter sido experiências significativas no viver de pessoas que merecem e têm o direito de serem ouvidas, de demonstrar para a sociedade que se constituíram em base sólida para a construção deste meio vivencial.

Sendo os “forrós”, aqui apreendidos no sentido do baile, da festa em si, do município de Baraúna, fonte de identificação, nada melhor do que pensar a atuação dos seus significados nesta sociedade, nos anos 50 e 60, assim como a construção das identidades dos baraunenses a partir destes significados. Quando entendemos os “forrós”, como partes integrantes das nossas vivências cotidianas, estamos nos construindo como sujeitos capazes de pensarmos a nossa sociedade e a nossa produção nesse meio culturalmente construído.

Neste campo de ação, a cultura aparece na sua pluralidade como um conjunto de experiências do vivido, que projetam significações, valores, simbologias, a habitar o cotidiano de quem a produz e da sociedade que reside. O homem como narrador e construtor da cultura, das manifestações culturais plurais, desempenha papel fundamental no produzir o seu espaço, no produzir a sua história. Michel de Certeau proclama que, *“o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.”* (CERTEAU, 1994: 63). O homem que se coloca como sujeito ativo em sua sociedade, em sua cultura, é capaz de elaborar o seu espaço como fonte primordial a constituição da história, enquanto representante das experiências do vivido.

No participar de todo esse jogo, em meio às lutas e obrigações cotidianas do viver em sociedade, em relação direta com o outro, os sujeitos exigem-se momentos além do aparato rotineiro do trabalhar e do usufruir do lar e da família de maneira a mostrar um capítulo de uma novela que sempre se repete, embora que percebida de diversas facetas. Neste contexto, lar deve ser apreendido no que se refere ao espaço do viver, do morar; e família no sentido de ser um círculo de indivíduos que participam de um convívio social, cultural, sendo que existindo uma separação entre laços consangüíneos, e os laços de amizade, de fraternidade, possíveis de serem encontrados desde um grupo de amigos que se reúnem num setor de trabalho, ou, que se reúnem num ambiente religioso etc.

Chega-se à hora de se divertir. Um novo capítulo da novela da vida vem ao ar, é à hora dos indivíduos aproveitarem o máximo, os seus momentos de lazer, antes de voltar a sua rotina, não que esta seja única e estática no que se refere, a cada dia se repetir como a primeira vez, mas no sentido de não poder sempre está no viver dos momentos de lazer e voltar à vida do lar, to trabalho, das situações conflitantes do dia-a-dia em sociedade. Neste âmbito, quando

aqui é proposta uma abordagem de situações cotidianas do viver, sendo, para tanto, necessário utilizar algumas metáforas, pretende-se está se referindo a situações particulares, porém, passíveis de verificações semelhantes.

A vida cotidiana projeta singularidades, no momento em que os indivíduos estão a todo instante elaborando táticas para burlar a rotina, ou as regras estabelecidas por esta. É a partir destas táticas e desta quebra de códigos rígidos que se criam experiências capazes de produzir manifestações culturais plurais. A produção de cultura se consolida a todo tempo, desde que os indivíduos se portem de forma ativa em seu meio social. Com o passar do tempo, códigos culturais são esquecidos, são renovados em uma nova criação, ou ressignificados. É justamente neste sentido que manifestações culturais existentes em um tempo anterior, em uma sociedade, por passar por ressignificações ou até destruições são relegadas ao esquecimento.

Quando manifestações culturais construídas de maneira singulares, por determinada comunidade de indivíduos, em um período histórico, são esquecidas, cessa para aquela sociedade um rico campo de experiências geradoras da sua própria história. Partindo do princípio de que, quem não conhece a construção da sua história, não conhece a si mesmo, quando significações culturais são postas de lado, de forma a serem esquecidas, a própria identidade do indivíduo é colocada em cheque.

No instante em que Joanildo A. Burity afirma que *“o interesse pela identidade... diz respeito à percepção dos atores de que seu lugar no mundo passa por investimentos simbólicos pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade.”* (BURITY, 2002: 7), ele nos dá uma base para justificar o indivíduo como elaborado por códigos identitários. Se os símbolos nascem historicamente a partir da cultura, e estes projetam a identidade do indivíduo, para este sujeito saber se portar na sociedade, ele tem que conhecer a si próprio, e para se conhecer necessita refletir a história desta sociedade que o construiu, e que edifica os símbolos que o constituem como integrante deste meio social.

Sendo os espaços dos “forrós”, locais privilegiados para produção de diferentes costumes e regras de comportamento, onde estratégias do viver em sociedade eram criadas e recriadas, produzindo práticas culturais singulares, e ao mesmo tempo, plurais; estes espaços que nos vêm pelas memórias, são dignos de serem designados “patrimônio cultural”? Esta é a problemática que norteia este trabalho.

Neste contexto, devemos refletir os “forrós” de Baraúna – PB a partir da perspectiva de que se deve *“manter o registro da memória desses bens culturais e de sua trajetória no tempo,*

porque só assim se pode 'preservá-los'.” (SANT’ANNA, 2003: 52). Já com relação a estes “forrós” serem, ou não patrimônio cultural, vale pensar a sua face imaterial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.607-639.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURITY, Joanildo A. (org.) **Cultura e identidades: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Para onde vai a cidade? Festa junina em Natal/RN. **Revista Vivência (Dossiê: A festa)**. v. 13. CCHLA/UFRN: Natal, 1999 (jan/jun). p.55-59.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação. In: **Revista da Associação Brasileira de História oral**. Nº 4, jun.2001. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. p.55-71.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

GROSSI, Yonne de S.; FERREIRA, Amauri C. Razão narrativa: significados e memória. In: **Revista da Associação Brasileira de História oral**. Nº 4, jun.2001. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. p.25-38.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e memória**. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Idéias, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4.ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Padres e artesãos: narradores itinerantes. In: **Revista da Associação Brasileira de História oral**. Nº 4, jun.2001. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. p.39-54.

_____. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Arrochar a titela, chambregar e criar um furdunço: divertimentos e tensões sociais em Campina Grande (1945-1965). IN: Ó, Alarcon Agra do. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 2.ed. João Pessoa: Idéia, 2005. P.185-226.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P.127-162.